

assistência

ATIVIDADES DE *DAY CARE* GARANTEM QUALIDADE DE VIDA ENTRE PACIENTES DE CUIDADOS PALIATIVOS



Fotos: Gabriel Jabour

Cuidado do início ao fim

Lidar com a morte está entre as tarefas mais difíceis. No caso do câncer, o tabu que cerca o assunto ganha contornos ainda mais fortes. Se os avanços tecnológicos prolongam o tempo de sobrevivência com a doença, também cresce a preocupação em garantir a qualidade de vida desses pacientes, particularmente dos que estão fora de possibilidades terapêuticas. Na busca de autonomia, o *day care* (cuidado-dia) é um instrumento importante, capaz de trazer conforto para quem enfrenta o duro dia-a-dia dos cuidados paliativos.

O *day care* tem como fundamento o estímulo ao convívio social e à independência do paciente, podendo ser adotado tanto nos casos que requerem internação quanto naqueles de pacientes em fase de acompanhamento ambulatorial – rotina que costuma exigir a permanência durante diversas horas no ambiente do hospital, a fim de completar todas as consultas e exames necessários ao acompanhamento do quadro. Uma ampla gama de modalidades, como

jogos, atividades manuais e musicais, podem compor as ações de *day care*, sempre adequadas às limitações do paciente e em conformidade com a autorização de médicos que acompanham o caso. À primeira vista, o *day care* pode parecer uma iniciativa trivial, ou acessória, mas o impacto na vida do paciente é muito grande.

As instituições Saint Joseph's e Saint Christopher's, no Reino Unido, são centros de referência mundial em atividades de *day care* para pacientes em cuidados paliativos. Profissionais do mundo inteiro viajam para conhecer o trabalho dessas entidades, que impressionam ainda mais por serem mantidas com doações e a colaboração de voluntários e prestarem atendimento gratuito. Elas funcionam como hospitais, mas adotam espaços de internação que reproduzem o ambiente domiciliar. Caminhadas em áreas verdes, atividades musicais, encontros para bate-papo e um cardápio de aulas que vai do bordado ao uso da internet estão entre as atividades de *day care* oferecidas por essas instituições.

CURIOSIDADE SEM LIMITES

O modelo britânico foi usado como base para o desenvolvimento das atividades de *day care* do Hospital do Câncer IV, unidade do Instituto Nacional de Câncer (INCA) dedicada exclusivamente a cuidados paliativos, no Rio de Janeiro. Teresa Reis, diretora em exercício do HC IV, explica que hoje o *day care* está inserido no processo de tratamento. “Procuramos motivar a independência e autonomia do paciente com atividades que também trabalham a integração social”, descreve a médica.

As atividades de *day care* desenvolvidas no HC IV estão institucionalizadas no projeto CuriosAção, que acaba de completar dois anos. O projeto faz parte da rotina do hospital, com planejamento, equipe multidisciplinar e espaços próprios. A coordenadora do CuriosAção, Rita de Cássia Menezes, explica que a participação do paciente precisa ser autorizada pelo médico, que indica as atividades compatíveis com cada caso. Mas o prontuário fica de fora. “Aqui, o foco não é a doença. É tudo que se pode fazer, apesar da doença”, aponta.

A paciente Josette Gomes, freqüentadora assídua do espaço onde se desenvolvem as atividades, é exemplo do papel integrador da iniciativa. Ex-contadora, Josette sente falta do corre-corre da vida diária. No CuriosAção, encontra um espaço onde é possível retomar pequenas atividades que a internação hospitalar tira da rotina. “Aqui a gente conversa, faz amigos”, diz.

“Procuramos motivar a independência e autonomia do paciente com atividades que trabalham a integração social”

TERESA REIS, diretora em exercício do HC IV

Segundo a coordenadora do projeto, o foco não está apenas nos pacientes: outra preocupação é dar aos cuidadores daquelas pessoas tratadas em casa uma brecha na atividade contínua de atenção. Também há outros beneficiados pelo projeto: a mãe de Ana Maria Mello está internada no HC IV e não pode deixar o leito, nesse caso, é a filha que participa. A estratégia do *day care* também passa pela integração dos pacientes internados com aqueles que vêm ao hospital para atendimento de rotina. Para isso, uma dupla de palhaças se reveza nas boas-vindas na sala de espera, convidando os pacientes a participar.



SENTIDO PARA A DOR

O geriatra Leonardo Consolina é responsável pela unidade de cuidados paliativos do Hospital de Câncer de Barretos, no interior de São Paulo. “Nos cuidados paliativos, o foco é viver bem, apesar da doença, e as atividades de *day care* buscam essa adaptação”, indica o especialista. Para os pacientes atendidos em ambulatório, as atividades também são usadas para compensar o cansaço de horas de viagem, no deslocamento até o hospital, já que a maior parte dos pacientes vive em outras cidades. “Ficar doente já é ruim. Ficar doente e ter que passar o dia no hospital depois de horas de viagem, é pior ainda”, comenta Leonardo, justificando a opção da unidade pelo *day care*.

Para os pacientes que não podem deixar o leito, a estratégia é levar as atividades até eles. “Você dá um tear nas mãos de uma pessoa hospitalizada, que depende dos outros para quase tudo, e ela recobra a auto-confiança, a sensação de autonomia”, descreve Consolina. O médico assume que todos os esforços são válidos. Especialmente para os pacientes de cuidados paliativos, uma estratégia importante é estimular o resgate da história de vida da pessoa. Por isso, músicas que marcaram um momento importante na vida e fotos que tragam boas recordações são elementos que podem ser agregados às atividades de *day care*. “Se o sofrimento é inevitável, nossa missão é fazer com que, pelo menos, ele tenha significado”, declara. |